

O AUTOR

Ismar de Oliveira Soares¹

Coordenador do NCE² – Núcleo de Comunicação e Educação do Departamento de Comunicações e Artes da ECA/USP. Professor da Escola de Comunicações e Artes da USP. Presidente da UCIP – Union Catholique Internationale de la Presse (2001-2004).
E-mail: ismarolive@yahoo.com

BIBLIOGRAFIA SOBRE COMUNICAÇÃO E EDUCAÇÃO

BURNISKE, R.W. **Literacia no Ciberespaço**. Rio de Janeiro: Minion, 2002.

Conceito relativamente novo, a literacia digital é apresentada pelo autor de forma bastante didática. O objetivo do livro é contribuir para a construção de uma linguagem capaz de encorajar um discurso mais rico sobre computadores na educação. A literacia digital pode ser definida como alfabetização em computadores ou, como o próprio autor coloca, “a capacidade de conversar com a tecnologia”, algo que vai muito além do simples manejar de um teclado e de um *mouse*. Dominar essa nova linguagem significa, por exemplo, ser fluente na interface com motores de busca e outras ferramentas da *World Wide Web*. Além disso, é preciso saber interpretar páginas *Web* e *e-mails* sem ter maiores referenciais sobre onde e por quem foram escritos. Assim, a construção dessa nova linguagem passa pela compreensão de outras literacias, entre elas, a civil, a discursiva, a comunitária e a avaliativa. Ao analisar cada uma dessas linguagens, o autor propõe uma série de atividades que podem ser desenvolvidas pelo docente na sala de aula.

1. Eduardo Fiora e Queila Borges, pesquisadores do Núcleo de Comunicação e Educação, realizaram o levantamento bibliográfico.

2. O NCE localiza-se à Av. Prof. Lúcio Martins Rodrigues, 443 – Bloco 9, sala 8 – Cidade Universitária – CEP 05508-900 – São Paulo/SP – Tel.: (11) 3091-4784. *E-mail:* nce@edu.usp.br.

CATALÃO, Nanan (coord). **A mídia como consultório?** Pesquisa ANDI/ UNICEF/ Ministério da Saúde/ Central de Projetos/Unesco. Brasília, 2002.

São vários os veículos de comunicação que abrem espaço para as chamadas colunas de consulta, onde jovens e adolescentes buscam esclarecimentos de dúvidas em relação ao sexo, saúde, drogas, entre outros temas. Analisar o perfil dessas seções e inserir seus conteúdos no universo da sala de aula. Este foi o desafio lançado pela Agência de Notícias dos Direitos da Infância (ANDI) com o apoio de instituições e organismos nacionais e internacionais. A base da pesquisa é um conjunto de 1.326 perguntas e respostas das colunas de consulta de 33 veículos de comunicação (jornais, revistas, programas de rádio e de TV). A partir da tabulação e análise dos dados, é apresentado um amplo material didático para instrumentalizar projetos voltados para o público jovem e adolescente.

BUCHT, C.; FEILITZEN, C. V.; **Perspectivas sobre a criança e a mídia.** Brasília: UNESCO, Direitos Humanos, Ministério da Justiça, Governo Federal, 2001.

A obra oferece um panorama amplo sobre as crianças e a mídia no mundo e os esforços no sentido de garantir os direitos das crianças quanto a este setor, inclusive o direito de exercer influência e participar da mídia. O trabalho enfoca que esta é uma responsabilidade que os profissionais de mídia, os formadores de políticas, os pais, os professores, as organizações e redes que tratam das crianças e da mídia têm em comum.

Traz uma análise das tendências internacionais relativas à cultura de mídia, incluindo pesquisas sobre a criança e a mídia e ainda uma seleção de organizações e *websites* de interesse.

PORTO, Tânia Maria Esperon. **A televisão na escola...** Afinal que pedagogia é esta? Araraquara, SP: JM Editora, 2000.

Esta pesquisa apresenta uma reflexão sobre a relação dialógica entre professor e aluno, onde o que ensina também aprende e o que aprende também ensina. Transita por diferentes campos do conhecimento, investiga e considera cada universo existencial (do aluno, de sua família, do professor), situando-se na sociedade tecnológica, enfocando na, até então, incompatível relação entre duas instituições formadoras: escola e mídia. A influência da mídia entre os jovens faz com que estes mudem seus padrões de referência, cria outras necessidades, outras percepções e relacionamentos, mudança esta que se choca com a escola, que tem se conservado aquém da evolução tecnológica e não atende às necessidades de seu público.

SOARES, Ismar de Oliveira. *Educação a distância como prática educacional*: emoção e envolvimento na formação continuada de professores da rede pública. Revista USP. São Paulo: n. 55, 2002. p. 56-69.

O texto relata uma experiência inédita e bem sucedida, o primeiro curso de aperfeiçoamento *on line* oferecido pela USP, cujo cerne foi a linguagem audiovisual na escola, uma prática educacional, intitulado de Educom.TV.

O autor analisa os elementos práticos do projeto bem como suas dificuldades e desafios. Abordando questões como mediação tecnológica e gestão comunicativa, preocupa-se também em situar teoricamente a educação a distância e a educacional.

Revista USP. São Paulo: CCS-USP, n. 55, 2002.

O dossiê Revolução Virtual, nº 55 da *Revista da USP*, discute a proliferação dos novos meios de comunicação, como a Internet e o uso do *e-mail*. Oferece ainda ao leitor um contorno do que acontece hoje num mundo que parece se dividir entre pessoas *plugadas* e não *plugadas*. Traz temas que nos fazem refletir até que ponto a revolução das tecnologias de comunicação e informação está transformando o nosso planeta. E mostra as conseqüências da aplicação em massa destas tecnologias, bem como suas possibilidades e limites.